

DOSSIÊ CINEMA E EDUCAÇÃO

UMA RELAÇÃO SOB A HIPÓTESE DE ALTERIDADE

(Segunda parte)

Adriana Fresquet¹

Apresentar a segunda parte do dossiê sobre *Hipótese-cinema* de Alain Bergala significa seguir apostando na potência pedagógica das reflexões que se produzem a partir dessa forma de entender, sentir e pesquisar a relação entre o cinema e a educação – seja no espaço escolar ou universitário. Surge, porém, uma certa tensão relativa ao medo de sermos repetitivos, de não atingirmos a expectativa gerada na primeira parte, de abusar da paciência do leitor insistindo na relevância de um assunto, para nós, tão caro à educação. Esse sentimento evocou rapidamente uma leitura de há muitos anos, que vem se conservando um pouco torta na memória, reduzida à fórmula “*segundas (partes) nunca foram boas*” ou algo parecido. Lembrava também que tinha lido isso na introdução ao segundo volume de *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha*. Procurei minha velha herança, numa versão já amarelada de 1958, e consegui identificar no prólogo uma advertência ao leitor acerca do que representam as “segundas partes”. Miguel de Cervantes Saavedra diz ao leitor que essa segunda parte de Dom Quixote que nos oferece está feita pelo mesmo autor e é do mesmo pano que a primeira, e pede que consideremos que “*la abundancia de las cosas, aunque sean buenas, hace que no se estimem, y la carestía, aún de las malas, se estima en algo*”² (SAAVEDRA, 1958, p. 13).

Nesse caso, o presente conjunto de artigos se configura como segundo volume apenas pela limitação da quantidade de textos que cada dossiê pode apresentar. Ele resulta da abundância de produção intelectual e das atividades de pesquisa, ensino e extensão inspiradas em Alain Bergala e sua obra educativa cristalizada no livro *Hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. De modo que, este volume surge como “segunda parte” estritamente por acaso ou pelo arbítrio das limitações espaço-tempo, mas é feito do “mesmo pano” para usar a expressão do mestre espanhol.

O presente dossiê é composto por seis artigos e um posfácio que, como na primeira parte, dialogam de diferentes pontos de vista com o tratado de Alain Bergala.

Para começar, Inês Assunção de Castro Teixeira e Ana Lúcia Azevedo Ramos apresentam um

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, adrifres@uol.com.br

² “A fartura das coisas, ainda quando boas, faz com que se não estimem, e a carestia (até das mais) se estima algum tanto” (SAAVEDRA, 2010, p. 49).

texto sobre *Os professores e o cinema na companhia de Bergala*. Nele, emerge uma longa experiência de formação de professores sob os achados e sabores da leitura de *Hipótese-cinema*. As autoras enfatizam a relevância e fecundidade da obra, criticando a instrumentalização dessa arte. Manifestam a força da experiência sensível que possibilita ao professor e ao aluno, no ato de apropriação do cinema, a transmissão do processo pedagógico. Ainda introduzem alguns dados acerca da aproximação dos professores da Educação Básica no Brasil com o cinema, realizada na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RMEBH). Os indicadores mostram a relevância da prática de assistir filmes em casa numa elevada porcentagem, que cai quando se trata de assisti-los em salas de cinema. Com delicadeza e algo de poesia, o artigo alerta para tomarem-se alguns cuidados e costura com precisão um compromisso ético, estético e político. Sugiro que o leitor não deixe de ler as notas, são imperdíveis.

A seguir, *Das potencias pedagógicas da creación cinematográfica*, escrito por duas professoras de Barcelona, Núria Aidelman y Laia Colell, traz um relato rico em reflexões e experiências de cinema realizadas em escolas publicas e particulares, rurais e urbanas da Catalunha. Na primeira parte do artigo, se apresentam poeticamente, como que construindo uma “escada”, alguns princípios relativos a criação artística na escola e a partir dos quais podem ser apontados aspectos metodológicos fundamentais para se planejar atividades com crianças e jovens. As autoras nos convidam a criar “nossas próprias escadas” para definir um estilo, um modo de fazer essa aproximação do cinema com a escola. Na segunda parte, se apresenta o *Cinema en Curs*, um projeto experimental de oficinas de cinema em escolas e institutos desenvolvidos coletivamente por docentes e profissionais do mundo do cinema. A descrição desse projeto reúne e coloca em relação, na prática, os aspectos expostos na primeira parte. Cabe destacar que as autoras traduziram o livro *Hipótese-cinema*, sobre o qual gira este dossiê, para o idioma espanhol, e foi publicado pela Editora Laertes em 2006.

O terceiro artigo, de Milene Silveira Gusmão e Raquel Costa Santos, apresenta uma leitura que privilegia a questão do “gosto pelo cinema” e coloca em diálogo a potência pedagógica das experiências de Alain Bergala, cineasta francês e professor universitário, e de Jorge Luiz Melquisedeque, cinéfilo e *videomaker* em Vitória da Conquista, na Bahia. A terra de Glauber Rocha, fecunda para o cinema, impregna as autoras, nativas da mesma cidade, dessa força especial. Suas reflexões têm a intensidade da vivência de quem idealizou e trabalhou num projeto de extensão de verdadeira cidadania e preocupação com a democratização do acesso aos bens culturais: o *Janela Indiscreta*, da UESB. De longa data, ele irradia cinema da universidade para o sertão baiano, levando o cinema nacional para onde não há salas, e agora, também, graças

à criação do curso de cinema. No artigo, as autoras endereçam seu olhar para as vivências de cinema que aconteceram na infância dos autores inspiradores do texto: a frequência aos cineclubes, a cinefilia e as práticas expressivas dos aprendizados de cinema desenvolvidas por Alain e Jorge Luiz. Milene e Raquel parecem sensíveis a essas infâncias, com as quais lidam cotidianamente, e chamam nossa atenção para a importância desse primeiro encontro com o cinema acontecer nos primeiros anos de vida.

Na sequência, Adriana Hoffman Fernandes escreve sobre *O cinema e as narrativas de crianças e jovens: reflexões iniciais*, apresentando as principais conclusões da tese da autora, as quais apontam para a complexidade das narrativas na contemporaneidade e mostram a frequente relação das crianças com a imagem. Ela indica para o leitor uma mudança importante: hoje, aprender a ler e escrever significa também aprender a ler, escrever e contar histórias com recursos audiovisuais. Adriana coloca em diálogo com Alain Bergala alguns representantes dos Estudos Culturais latino-americanos (Canclini, Martin-Barbero, Gomes), com o objetivo de problematizar as relações entre cinema e educação na dimensão da alteridade. Ela tenta identificar a experiência com o cinema das crianças e jovens no espaço escolar, apostando que a formação acontece num processo de apropriação criativa das narrativas cinematográficas.

A seguir, um grupo de alunas que cursaram a disciplina Educação e Cinema, um dos tópicos especiais oferecidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ no primeiro período deste 2010, se propuseram a dialogar com *Hipótese-cinema*, uma das referências centrais do curso. Fruto de leituras e debates inclusive de textos de autores que hoje prestigiam este dossiê, o grupo se propôs a refletir acerca da qualidade do encontro entre o cinema e a infância no contexto escolar, para além da questão do gosto. Elas acreditam, por um lado, que a hipótese de alteridade de Alain Bergala promove questões para pensar a pedagogia da criação. E, por outro, consideram que se trata também de uma proposta de aproximação da experiência escolar, como uma forma efetiva de aprender com as crianças a desnaturalizar as formas de ver e estar no mundo, olhando para ele como se fosse a primeira vez. Desse modo, Gisela Pascale Camargo Leite, Grazielle Rodrigues Pereira, Irene de Barcelos Alves, Maira Norton, Marina Rodrigues de Oliveira e Marina Tarnowski Fasanello se concentram em três grandes temas: a *pedagogia da criação – a passagem ao ato; o cinema pelo olhar da criança e a criança pelas lentes do cinema; e o “encantamento” como condição essencial da introdução do cinema na Educação Básica*. Ilustrado com algumas fotografias das práticas com cinema que acontecem no Colégio de Aplicação da UFRJ, as autoras nos convidam a uma leitura que tem algo da paixão da juventude de seus anos.

O posfácio *Uma questão de ponto de vista* resume a intensidade pedagógica da *Hipótese-cinema* e vai além. Anita Matilde Leandro parte de uma pergunta fundamental: *E se a longa relação entre cinema e pedagogia não passasse de uma feliz coincidência de pontos de vista, ou seja, uma confluência de posições políticas na escolha do lugar a partir do qual se constrói uma imagem do mundo?* Dessa pergunta surge toda uma reflexão que associa o gesto político da construção do olhar e as dimensões ética e estética, gerando um debate que encontra também seu lugar na escola e no cinema como espaços e tempos de questionamento do poder discursivo. O texto traz preciosas reflexões realizadas em alguns dos *Seminários de Pesquisa de Currículo e Linguagem Cinematográfica na Educação Básica* (PPGE/UFRJ), que tiveram lugar na Biblioteca do Museu de Arte Moderna do Rio, entre as atividades desenvolvidas em 2010 no contexto do acordo assinado pelas instituições (FE/UFRJ e MAM-Rio). Durante 4 sessões, a professora convidada sedebruçou na análise do texto que acompanha um DVD didático da coleção *L'Eden*, concebida por Alain Bergala em 2006, intitulado *Le Point de vue* (O ponto de vista). O texto acompanha o DVD como um dos recursos didáticos da coleção lançada na França para as aulas de ensino de cinema do projeto *La Mission*, que levou o cinema às escolas de 2000 à 2005, sob a consultoria do autor em homenagem a quem este dossiê de duas partes foi editado. Assistir aos trechos dos filmes selecionados e editados no DVD, acompanhados pela leitura do pequeno caderno, constitui uma releitura dos princípios centrais do *Hipótese-cinema* de Bergala, que novamente traz a discussão sobre o alcance ético do gesto cinematográfico, oferecendo novos subsídios para pensar a utilização de filmes em sala de aula.

Esperamos que da abundância das reflexões se inspirem fecundos desdobramentos, para seguirmos colocando em diálogo o cinema e a educação sob essa hipótese de alteridade, em novas experiências de aprendizagem, dentro e fora da escola e nos espaços acadêmicos que articulam atividades de pesquisa, ensino e extensão.

Boa leitura!

Referências bibliográficas

BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinéma. Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs*, Paris: Cahiers du Cinéma, 2006.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Tomo II. Buenos Aires: Sopena, 1958.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de la Mancha*. Segundo Livro. Tradução e notas de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2010.
Revista Contemporânea de Educação, vol. 5, n. 10, jul/dez 2010

